

## ■ SLOW SCIENCE: a temporalidade da ciência em ritmo de “impacto”

MÓNICA GRACIELA ZOPPI FONTANA

Professora Doutora do Departamento de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. Bolsista de Produtividade à Pesquisa, CNPq.

**Resumo:** Neste artigo analisamos o funcionamento do discurso da produtividade científica em um corpus de textos que tratam do movimento SLOW SCIENCE. O objetivo geral do trabalho é apresentar uma descrição das formas de representação do tempo em relação com o fazer científico e seus efeitos na produção de imagens de ciência legitimada. Com este fim, analisamos as operações enunciativas de representação da temporalidade e sua relação com a narratividade discursiva. Reunimos um corpus representativo de artigos e notícias veiculados em publicações de divulgação científica, assim como em páginas de agências de fomento e comunidades virtuais ou blogs disponíveis na web. A descrição e interpretação dos materiais seguem os procedimentos da teoria da Análise de Discurso, considerando principalmente o papel da memória discursiva na produção de operações de narratividade e seus efeitos sobre as formas de representação da temporalidade.

**Palavras-chave:** Temporalidade. Enunciação. Divulgação científica. Memória discursiva. Processos de subjetivação.

**Resumen:** En este artículo analizamos el funcionamiento del discurso sobre la productividad científica en un corpus de textos que tratan del movimiento SLOW SCIENCE. El objetivo general del trabajo es presentar una descripción de las formas de representación del tiempo en relación con el hacer científico y sus efectos en la producción de imágenes de ciencia legitimada. Con este fin, analizamos las operaciones enunciativas de representación de la temporalidad y su relación con la narratividade discursiva. Reunimos un corpus representativo de artículos y noticias vehiculados en publicaciones de divulgación científica, así como en páginas de agencias de financiamiento y comunidades virtuales o blogs disponibles en la web. La descripción e interpretación de los materiales sigue los procedimientos del Análisis de Discurso, considerando principalmente el papel de la memoria discursiva en la producción de operaciones de narratividade y sus efectos sobre las formas de representación de la temporalidad.

**Palabras clave:** Temporalidad. Enunciación. Divulgación científica. Memoria discursiva. Procesos de subjetivación.



## Introdução

Fazem parte dos processos de subjetivação contemporâneos os sentidos de aceleração do tempo, de velocidade, de vertigem. A atualidade é interpretada como fugaz, num movimento constante no qual só há espaço para a novidade. Tradição, continuidade, passado não encontram ancoradouro na memória social, lançada para o futuro no ritmo das novas tecnologias de comunicação. As práticas de produção de conhecimento, na sua constituição, formulação e circulação<sup>1</sup> na sociedade, não são alheias a essa voragem. Na garupa da tecnologia, a ciência se mede pelo seu poder *inovadore* o conhecimento produzido e os próprios sujeitos de conhecimento são mensurados pelos *índices de impacto* de suas publicações. Nessas condições de produção, as representações do tempo *da* ciência e *na* ciência ganham novo destaque, intervindo com força no debate de políticas científicas, planos de curso para formação de pesquisadores e, principalmente, na relação estabelecida com a sociedade. O discurso de divulgação científica participa na construção de representações da temporalidade que afetam a legitimação social das práticas científicas e, o que é mais relevante, das diversas áreas de produção de conhecimento.

Considerando a relevância destas questões, desenvolvemos atualmente um projeto de pesquisa<sup>2</sup> que almeja compreender e descrever os processos discursivos que agem neste debate, explorando na mídia especializada os modos de circulação do conhecimento científico na sociedade atual.

A importância da ciência nas sociedades contemporâneas é fato reconhecido pelos mais diversos setores envolvidos com sua prática: o governo, através de políticas públicas para ciência e tecnologia; as universidades e centros de pesquisa, por meio da produção e reprodução de conhecimento e formação de quadros docentes e de pesquisa; a escola e a mídia, na divulgação dos saberes disponíveis; a iniciativa privada e

<sup>1</sup> “A produção de sentidos envolve três momentos inseparáveis: a constituição, a formulação e a circulação” (ORLANDI, 2001, p. 150).

<sup>2</sup> *Tempos da ciência:* a representação da temporalidade no discurso de divulgação científica. Bolsa PQ-CNPq processo 308134/2010-9.

<sup>3</sup> Orlandi (2001, p. 162) afirma que “[...] a necessidade de saber é constitutiva da forma-sujeito histórica em nossa sociedade e as novas tecnologias de linguagem, disponíveis, concorrem para a configuração material dessa circulação”.

<sup>4</sup> Cf. a página *web* do Laboratório em Jornalismo Científico e Cultural, disponível em <[www.labjor.unicamp.br](http://www.labjor.unicamp.br)>

as empresas, beneficiárias diretas de muitos dos avanços científicos e tecnológicos; e, finalmente, o público em geral, afetado em seu cotidiano pelo fazer científico e tecnológico e pelos dizeres que circulam sobre ele. Essa omnipresença da ciência na vida do cidadão comum se manifesta, entre outros efeitos, pela ampla circulação de seus resultados na mídia em geral e, mais especificamente, nos meios de divulgação científica, através de reportagens, entrevistas, documentários, artigos especializados, filmes de ficção científica, feiras de ciência e exposições, museus, peças de teatro, instalações artísticas, etc. O discurso de divulgação científica surge, na sociedade atual, como resposta à demanda de saber da população e, principalmente, às exigências de transparência e controle social dos resultados do fazer científico, que se colocam como ideais políticos nas sociedades definidas como plurais e democráticas.<sup>3</sup> Desta maneira, o discurso de divulgação científica se apresenta como um observatório privilegiado dos modos de funcionamento da ciência, dado que, como diz Orlandi (2004, p. 133), “O movimento da significação que caracteriza a divulgação científica confirma a presença pública da ciência, ou seja, ela publiciza a ciência e [essa] publicização significa a própria possibilidade de se fazer ciência em uma formação social como a nossa”.

Esta relação constitutiva entre a produção de conhecimento científico e sua circulação na sociedade tem dado lugar, na última década, a publicações e teses acadêmicas, desenvolvidas no campo de Estudos da Linguagem<sup>4</sup>, entre elas: Guimarães (org.) (2001; 2003), Orlandi (2001; 2004), Authier-Révuz (1999; 1998), Fossey (2006; 2008), Nunes (2001), Zamboni (2001), Gallo (2011). Nestes trabalhos, cuja leitura fornece subsídios imprescindíveis para a abordagem e compreensão do tema, a representação da temporalidade não tem sido trabalhada com a mesma intensidade que outros funcionamentos discursivos.

No entanto, um dos aspectos mais destacados no imaginário social sobre o fazer científico envolve o funcionamento das representações da temporalidade. Com efeito, quais são os tempos da ciência e qual é sua relação com os tempos da sociedade são questões que aparecem recorrentemente nos diversos veículos de publicização e circulação do conhecimento científico, principalmente na forma de um discurso sobre as *descobertas científicas*. Tão recorrente é essa caracterização, subsidiária do discurso positivista de *progresso da ciência*, que os sentidos de *novidade* e de *avanço* se impõem como imagem dominante na representação social da ciência, deslegitimando aqueles campos de conhecimento cuja prática não produz “descobertas”.<sup>5</sup> Por outro lado, o forte investimento no desenvolvimento de tecnologias e a consequente instrumentalização da ciência para sua aplicação imediata e lucrativa no mercado têm naturalizado uma imagem da pesquisa científica pautada pela lógica do modo de produção capitalista: maior quantidade de produtos mensuráveis, disponibilizados no menor tempo possível, a custos reduzidos e criando demandas sempre novas. *Velocidade, novidade, quantidade* são as predicações que declinam os sentidos de *impacto*, a partir dos quais a produção de conhecimento científico e seus sujeitos são atualmente avaliados e legitimados.

Neste artigo objetivamos apresentar uma descrição das formas de representação do tempo em relação ao fazer científico e seus efeitos na produção das imagens de ciência legitimada que circulam na sociedade. Duas perguntas guiam nossa análise: há diferenças entre as diversas áreas de conhecimento em termos da representação da temporalidade? Como essas diferenças afetam a imagem discursiva desses campos de conhecimento e sua legitimação social, especificamente em relação à polêmica causada pelo movimento *SLOW SCIENCE*? Para tentar responder a estas questões, reunimos um corpus representativo de artigos e notícias

<sup>5</sup> Cf., por exemplo, o levantamento realizado por Vogt e Polino (orgs.) (2003) sobre a percepção pública da ciência em espaços ibero-americanos.

veiculados em publicações de divulgação científica, assim como em páginas de agências de fomento e comunidades virtuais ou blogs relacionados à divulgação científica, disponíveis na rede *web*.

Para efeitos de maior clareza no amplo campo das práticas de textualização<sup>6</sup> que abrange nosso trabalho, discutimos a classificação descritiva das diversas formas de difusão de conhecimento científico proposta por Zamboni (1997). Conforme a autora, que se inspira nos trabalhos de Bueno (1984), poderia considerar-se a *difusão de conhecimento* como um conjunto abrangente de práticas de circulação do conhecimento na sociedade, que comportaria diferentes modos de funcionamento: a *disseminação científica* (compreendida como direcionada a especialistas) e a *divulgação científica* (compreendida como destinada ao grande público leigo). Em termos discursivos, podemos afirmar que é pela configuração do *efeito-leitor* que esses modos de funcionamento podem ser diferenciados (GRIGOLETTO, 2005). Porém, nem sempre as fronteiras são assinaláveis, dado que os sentidos postos a circular na divulgação afetam o fazer científico mediante processos de legitimação social, ao tempo que a disseminação entre especialistas encontra eco em debates mais amplos da sociedade, introduzindo novas agendas na divulgação de ciência e tecnologia. É o que podemos observar no movimento *SLOW SCIENCE*, surgido nas fileiras de pesquisadores de centros internacionais, inspirado em movimentos sociais (como o *SlowFood*) externos ao fazer científico e com repercussão no debate geral sobre a relação ciência-sociedade-tecnologia. Por isso, adotamos neste trabalho a conceituação proposta por Gallo e Lagazzi (2012), que denominam como *socialização do conhecimento* os diversos processos pelos quais se produzem e se põem a circular elementos de saber de diversa índole na nossa sociedade. Conforme as autoras,

Mediar, na perspectiva discursiva, significa passar de uma forma material (social, histórica

<sup>6</sup> Cf. Orlandi (2001, p. 90 e ss), que afirma que " Cada texto tem os vestígios da forma como a política do dizer inscreveu a memória (saber discursivo) na sua formulação. Um texto é sempre um conjunto de formulações entre outras possíveis, movimento do dizer face ao silêncio tomado aqui como horizonte discursivo, o 'a dizer' e não vazio [...] Na textualização, a forma da organização do dizer reflete o jogo das diferentes regiões de significação[...] A textualização do discurso se faz com falhas, ou seja, o discurso pode se representar em diferentes 'versões', distintas formulações que se textualizam".

e ideológica) para outra forma material. Esse trabalho impossibilita a manutenção de um mesmo sentido, já que são as condições históricas, sociais e ideológicas que determinam o sentido dos textos. Fazer tal transposição sem mobilizar a materialidade do discurso seria impossível para nossos parâmetros teórico-metodológicos. Assim, temos que a produção de conhecimento está ligada materialmente ao seu autor, o que tem motivado este grupo de pesquisa a procurar aproximar a posição-sujeito da divulgação, do sujeito-autor do conhecimento. (Disponível em <http://celsul.org.br/2012/wp-content/uploads/2012/04/GT-16-SOCIALIZACAO-DO-CONHECIMENTO-UMA-PERSPECTIVA-DISCURSIVA.pdf>)

### **Desafios da práxis: o batimento entre teoria e análise**

Nosso trabalho é também relevante porque toca diretamente na relação teoria-análise e nos leva a refletir produtivamente sobre conceitos-chave da área, como o de *memória discursiva* na sua relação com as *formas de representação da temporalidade* no discurso. Mais precisamente, objetivamos avançar na discussão teórica sobre a relação entre o funcionamento das formas linguísticas de representação do tempo, os dispositivos enunciativo-discursivos que constituem a *narratividade* e sua relação constitutiva com o interdiscurso e seus *efeitos de memória*.

Nossa pesquisa se inscreve na teoria de Análise de Discurso, a partir da qual se considera a determinação histórica e ideológica dos processos de produção de sentido. A noção de *memória discursiva* permite trabalhar essa determinação como constitutiva do funcionamento da linguagem. Sujeito e sentido se constituem simultaneamente, como efeitos, pela relação com a memória discursiva e as condições de produção do discurso.

Em *Langages*, 114 (junho 1994), número monográfico organizado por Jean Jacques Courtine, os

<sup>7</sup> Orlandi (1996, p. 64) afirma que “A interpretação é uma injunção. Em face a qualquer objeto simbólico, o sujeito se encontra na necessidade de ‘dar’ sentido”. A autora avança ainda nessa direção identificando o sujeito do discurso à interpretação: “A interpretação *faz* sujeito” (ORLANDI, 1996, p.83).

artigos publicados elaboram teórica e analiticamente a relação entre *memória, história, linguagem*. O organizador esclarece na introdução que “A memória que nos interessa é a memória social, coletiva, na sua relação com a linguagem e a história” (COURTINE, 1994, p. 5). Em seguida, ele conclui: “[...] a linguagem é o tecido da memória, isto é *sua modalidade de existência histórica essencial*” (COURTINE, 1994, p. 5 – grifos do autor, tradução nossa). Considerando, então, que a linguagem é uma materialidade fulcral da memória histórica de uma sociedade, assumimos que os processos discursivos constituem o espaço simbólico onde é possível observar seu funcionamento. Os sentidos se sedimentam historicamente como memória discursiva, estratificados e desnivelados pelas relações de força que determinam ideologicamente o discurso. Conforme Orlandi, “A ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa” (ORLANDI, 1999, p. 96). Assim, entendemos a memória discursiva como *espaço ideológico estruturante/estruturado em que se realiza a interpretação, enquanto efeito necessário da relação simbólica estabelecida entre o sujeito e o real da língua e o real da história*. Efeitos dessa memória se manifestam na linearidade do discurso através de diversos funcionamentos das formas linguísticas (as marcas de temporalidade entre elas), que se constituem em índices das filiações históricas a partir das quais o sujeito produz interpretação.<sup>7</sup> Assim, compreendemos – junto com Orlandi (2001) – que a identidade é um movimento na história e *os sentidos são trajetos simbólicos e históricos não terminados, abertos a falha*.

Sendo fruto da relação da língua com a história, a memória discursiva é constitutivamente afetada pelas falhas que atravessam a língua e as contradições que estruturam a história, o que se materializa no seu caráter necessariamente lacunar e equívoco. “Memória

saturada e lacunar, memória com eclipses, onde ressoa somente uma voz sem nome”, como diz Courtine (1982, p.16). Memória, portanto, estruturada pelo esquecimento, que funciona por uma modalidade de repetição vertical, que é ao mesmo tempo ausente e presente na série de formulações: ausente porque ela funciona sob o modo do desconhecimento, de um não-sabido, não-reconhecido, que se desloca, e presente em seu efeito de retorno, de já-dito, de efeito de pré-construído, de recorrência das formulações, produzindo a estabilidade dos objetos do discurso.

Dessa maneira, compreender o funcionamento dos textos em análise leva a se perguntar o que é enunciar, manter o fio de um discurso, mas também *repetir, lembrar, esquecer*, para um sujeito enunciador tomado nas contradições históricas (COURTINE, 1982). Achard (1984) permite avançar neste sentido quando chama a atenção para o fato de que a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação.

Utilizamos, então, o conceito de *memória discursiva* para designar as *redes de filiação histórica que organizam o dizível, dando lugar aos processos de identificação a partir dos quais o sujeito encontra as evidências que sustentam/permitem seu dizer* (PÉCHEUX (1975); COURTINE (1982); ORLANDI (1996; 1999; 2001); PAYER (2006)). Neste sentido, a memória discursiva é o espaço de *constituição* dos processos discursivos que constroem para o sujeito “sua realidade” (aqui incluída a cena enunciativa organizada em torno do eu-aqui-agora), enquanto representação imaginária (e necessária) da sua relação com o real histórico, no qual ele está inserido. Há a necessidade do *ego* se fixar (embora provisoriamente) em pontos de ancoragem enunciativa para que uma ilusão de unidade e, portanto, uma ilusão subjetiva possa ser produzida.<sup>8</sup> Benveniste (1966) e Authier-Révuz (1998) já exploraram (diferentemente) a base linguística da construção da subjetividade, analisando

<sup>8</sup> “Toda atividade de linguagem necessita da estabilidade de estes pontos de ancoragem para o sujeito; se esta estabilidade falha, há um abalo na própria estrutura do sujeito e na atividade de linguagem” (FUCHS; PÉCHEUX, 1975, p.174).

os funcionamentos enunciativos representados no fio do discurso que ao mesmo tempo constroem e reforçam a ilusão subjetiva do *ego* enunciador.<sup>9</sup>

Neste artigo, vamos trabalhar os efeitos discursivos que constituem a ilusão subjetiva a partir do funcionamento da *representação da temporalidade* no discurso, na sua relação com os processos de subjetivação. As diversas formas de representação da *temporalidade* consideradas comportam tanto a morfologia de tempos e modos verbais, quanto o funcionamento de lexemas e expressões (substantivos, nominalizações, adjetivos, advérbios, verbos), cujo sentido incorpore alusões ao tempo. Desta maneira, almejamos descrever, seguindo Auroux (1984, 1992) e Guimarães (2004), o *horizonte de retrospectão e de projeção* que os autores dos textos reunidos no corpus desenham imaginariamente para a produção do conhecimento científico. Assim, exploramos como a inscrição do autor numa determinada posição-sujeito permite representar o fazer científico por meio de uma narrativa que comporta “[...] a constituição de um passado e ao mesmo tempo de um futuro que dele se desdobra” (GUIMARÃES, 2004, p. 11).

Contudo, essa representação da temporalidade, produzida a partir das formas linguísticas presentes nos textos, deve ser compreendida na sua relação com a memória discursiva, portanto, considerando o funcionamento dos dispositivos de *narração*, tal como definido por Zoppi Fontana (1997), Mariani (1998) e Orlandi (2001).

Para Mariani (1998), a prática narrativa produz uma “verdade” local ao se constituir na forma de um discurso *sobre*. Uma narrativa nunca se encontra isolada de outras e o que as entrelaça é da ordem do histórico e do inconsciente. Mais do que a análise de narrativas, o que está em jogo é a análise de *processos narrativos*, sendo que os narradores se encontram assujeitados a processos histórico-ideológicos que não lhes são transparentes.

<sup>9</sup> Conforme a distinção proposta por Pêcheux (1975), poderíamos dizer que os trabalhos de Benveniste e Authier-Révuz visam, sobretudo, aos processos de identificação imaginária.

Assim, a prática de narrar é atravessada pela memória discursiva constitutiva do imaginário social, razão pela qual toda narrativa é incompleta. A partir dessas considerações sobre a prática de narrar, a autora define *narratividade* como um mecanismo discursivo.

A narratividade coloca em movimento (no trabalho da memória) os agenciamentos de rituais enunciativos presentes no imaginário, permitindo o deslocamento, o retorno, a migração de cadeias de enunciados narrativos. A narratividade e seu 'produto', os enunciados e textos narrativos, se encontram dispersos na verticalidade do interdiscurso (MARIANI, 1998, p. 105-6).

Em trabalhos anteriores (ZOPPI FONTANA, 1997; 2009), nos ocupamos do estudo das *formas de representação da temporalidade no discurso* e de sua relação com os processos de subjetivação. Na nossa análise do discurso político da transição (governo de Raúl Alfonsín na Argentina, 1983-1989), já afirmávamos que

O estudo das *formas de representação da temporalidade* nos interessa na medida em que elas manifestam os diferentes processos discursivos que determinam os enunciados. Ou seja, *não* vamos considerar, em nossa análise, o funcionamento das *formas de representação da temporalidade* em relação às coordenadas espaço-temporais de um dado sujeito enunciador participante de uma determinada situação ou contexto comunicativo (o eixo *eu-aqui- agora* que serve de suporte imaginário para a ilusão subjetiva que afeta o sujeito e que é reproduzida por diversas teorias pragmáticas e da enunciação) [...] Pelo contrário, vamos interpretar as formas de representação da temporalidade no discurso como marcas ou indícios, na superfície discursiva, dos processos discursivos que determinam a *constituição do sujeito discursivo em um espaço específico de memória* [...] Em termos teóricos, [estas formas]

nos permitem observar as operações discursivas de delimitações e filiações históricas através das quais o sujeito do discurso se dá imaginariamente uma memória [...]. Elas *linearizam como representação temporal no intradiscurso* (isto é, como relações de sequencialidade antes-depois, de continuidade e de ruptura de processos cronologicamente definidos) *as relações de contradição, dominância e sustentação que se estabelecem entre as diferentes formações discursivas* que coexistem no interdiscurso: é a ação do interdiscurso como *memória discursiva* agindo no intradiscurso na produção de diversos *efeitos de memória* nos enunciados (ZOPPI FONTANA, 1997, p.145).

Ancorados nestas considerações teóricas, vamos analisar os *discursos de e sobre* o movimento *SLOW SCIENCE*, observando o modo como ressignificam os “tempos da ciência”. Eles representam um certo modo do fazer científico que se projeta como um certo modo do sujeito estar no mundo: o que é preciso saber e fazer para se constituir em sujeito cientista contemporâneo?

Ao narrar sobre o fazer da ciência, os discursos de divulgação científica contemporâneos trabalham os seus sentidos pela reorganização da memória discursiva, recortando *um horizonte de retrospectão e projetando um espaço de prospecção*. No contexto das políticas científicas atuais, os enunciados narrativos sobre a ciência desenham espaços de identificação fortemente marcados por *temporalidades lançadas para o futuro em ritmo crescente de aceleração*, representações estas que afetam os processos de subjetivação.

### **Slow Science: mais tempo, outro tempo**

*Slow Science* é um movimento que teve início em 2010 na Europa, a partir de declarações e manifestos que circularam prontamente e largamente pela internet, recebendo imediatamente milhares de adesões de renomados cientistas.

Em outubro de 2010, circulou na *web* um abaixo assinado<sup>10</sup> proposto por Joël Candau, antropólogo da Université de Nice Sophia Antipolis, França, que chamava os cientistas, pesquisadores e docentes a se mobilizarem para fundar um movimento, apresentado como *SLOW SCIENCE*, com o slogan *Donner du temps au temps de la Science*. Em pouco tempo, esse documento foi assinado por mais de 4000 pesquisadores do mundo todo<sup>11</sup>, dando lugar a um novo documento<sup>12</sup> em co-autoria com Isabelle Gavillet (Maître de conférences, Université Paul Verlaine-Metz/Université de Lorraine, França), no qual era avaliada a resposta a esse primeiro apelo e se refletia sobre possíveis encaminhamentos.

No abaixo-assinado, do qual citamos alguns recortes na sua versão em português, disponível no site<sup>13</sup>, as formas de representação da temporalidade organizam argumentativamente o texto.<sup>14</sup>

Pesquisadores, professores, nós precisamos *urgemmente desacelerar!* Vamos nos libertar da síndrome da Rainha Vermelha! Pare de querer seguir cada vez mais rápido. Pare de querer seguir *cada vez mais e mais rápido*, o que resulta apenas em *estagnação* ou até mesmo *retrocesso*. Na mesma toada do *Slow Food*, *Slow City* e *Slow Travel*, nós criamos o movimento Slow Science. Olhar, pensar, ler, escrever, ensinar. Tudo isso *leva tempo* e nós temos *cada vez menos tempo* para isso, se é que já não *perdemos completamente esse tempo*. Dentro e ao redor de nossas instituições, a pressão social promove a *cultura do imediatismo e do urgente*. Com produções em *tempo real*, os projetos vão e vêm em *um compasso cada vez mais rápido*. E nossas vidas profissionais não são as únicas vítimas dessa pressão: um colega que não está sobrecarregado e estressado é visto como excêntrico, apático ou preguiçoso – tudo em detrimento da ciência. A *Fast Science*, assim como a *FastFood*, prima pela quantidade acima da qualidade.[...]  
Como os avaliadores e outros especialistas também *estão sempre com pressa*, nossos

<sup>10</sup> Disponível em <[http://slowscience.fr/?page\\_id=8](http://slowscience.fr/?page_id=8)> Acesso em 24 fev2013.

<sup>11</sup> 4582 pesquisadores em 24 de fevereiro de 2013, data da consulta.

<sup>12</sup> Disponível em <[http://www.canard-p8.net/Doc%20externes/Slow\\_science/Appel.htm](http://www.canard-p8.net/Doc%20externes/Slow_science/Appel.htm)> Acesso em 24ev2013.

<sup>13</sup> Tradução de Janaisa Martins Viscardi (UNICAMP, Brasil), disponível em <[http://slowscience.fr/?page\\_id=68](http://slowscience.fr/?page_id=68)> Acesso em 24 fev. 2013.

<sup>14</sup> Nos recortes analisados doravante, os grifos são nossos, salvo indicação em contrário.

currículos são corriqueiramente avaliados somente pela sua extensão: quantas publicações, quantas apresentações, quantos projetos? Esse fenômeno cria uma obsessão pela quantidade na produção científica. Resultado: é impossível ler tudo, mesmo dentro de uma especialidade. Assim, muitos artigos *nunca* são citados e talvez *nunca* sejam lidos. Nesse contexto, é cada vez mais difícil localizar as publicações e apresentações que realmente importam – aquelas em que um colega *despendeu meses, às vezes até anos*, aperfeiçoando – entre outras milhares que são duplicadas, recortadas, recicladas, ou até mais ou menos “emprestadas”.

Claro que nossa formação deve ser “*inovadora*”, obviamente de “alta performance”, “estruturada” e adaptada ao “desenvolvimento de *novas competências*”. É difícil identificar as *mudanças apropriadas em um mundo em movimento constante*. Como resultado dessa *corrida frenética* rumo à “adaptação”, a questão do conhecimento fundamental a ser passado *adiante* – conhecimento que, por definição, *não se altera – não está mais na agenda* dos cientistas. O que importa é estar *em sintonia com os tempos* e, especialmente, *mudar constantemente* para manter a máquina em funcionamento.[...]

Essa degeneração da nossa atividade não é inevitável. Resistir à Fast Science é possível. Nós temos a chance de construir a Slow Science, dando prioridade a valores e princípios: [...]

Não há nenhuma razão para aceitar *a ideologia da urgência*, repetida *ad nauseam* pelo ministro e seus “administradores”. De forma mais geral, nós não devemos esquecer que há vida fora da universidade. *Nós precisamos de tempo* para nossas famílias, nossos amigos, nosso lazer... para o prazer de não fazer absolutamente nada!

Se você concorda com esses princípios, assine a petição pela fundação do movimento Slow Science. Acima de tudo, *permita-se um tempo* antes de decidir assinar a petição ou não!

Também em 2010, circulou mundialmente na *web* um manifesto assinado por Conrad A. Nieduszynski, J.

Julian Blow e Anne D. Donaldson, neurocientistas e biólogos de Berlin, Alemanha.<sup>15</sup> Neste manifesto, além de argumentar a favor de mais tempo e menor velocidade para a pesquisa científica, os autores anunciavam a criação de uma Academia que sediaria grupos de pesquisa e cientistas para desenvolver seus trabalhos com uma temporalidade diferenciada. Como podemos observar nos recortes abaixo, as formas de representação da temporalidade organizam também argumentativamente este texto.

Society should give scientists *the time they need*, but more importantly, scientists must *take their time*. [...] We *do need time* to think. We *do need time* to digest. We *do need time to misunderstand each other*, especially when fostering *lost dialogue between humanities and natural sciences*. [...] *Science needs time*. [...] Following from the thoughts expressed in the manifesto above, we believe that *such time to think* and to pursue dialogue and face-to-face disputes should be made available to *the current generation* of high-profile, active scientists. We maintain that science, as well as the society as a whole that is funding our science, will profit greatly on *the (very) long run, if a non-real-time/off-line, integrative and sustainable culture of thinking* is encouraged and kept alive (Disponível em <<http://www.mendeley.com/catalog/slow-science-manifesto/>> Acesso em 24 fev.2013).

<sup>15</sup> Disponível em <<http://www.mendeley.com/catalog/slow-science-manifesto/>> Acesso em 24 fev. 2013.

<sup>16</sup> Cf. SALO ; HEIKINNEN (2011), por exemplo.

Estes dois apelos contemporâneos deram lugar a numerosas publicações de cientistas de diversas regiões do planeta, que se solidarizaram politicamente com o movimento e analisaram teoricamente sua emergência. Dois aspectos são mencionados com insistência nessas publicações.<sup>16</sup>

- Trata-se de um movimento que reconhece seus antecedentes em gestos de resistência e crítica produzidos no seio da comunidade científica

em décadas anteriores, entre eles o artigo do cientista da informação Ernest Garfield, publicado na revista *The Scientist* 4(18) em 1990 e o da bioquímica Lisa Alleva, publicado na *Nature* 443(271) em 2006.

- Trata-se de um movimento inspirado e explicitamente ligado aos movimentos *Slow Food*<sup>17</sup>, *Slow City*, *Slow Travel*, isto é, a uma mobilização mais abrangente, presente nas sociedades urbanas contemporâneas, que denuncia a aceleração do ritmo de produção no capitalismo tardio (organizado a partir de processos produtivos como o *real time* e o *just-in-time*, implementados graças às novas tecnologias de comunicação e à globalização da produção) e seus impactos nos processos de subjetivação.

Uma primeira análise das formas de representação da temporalidade nos recortes citados permite organizar as alusões aos tempos da ciência em torno de eixos semânticos que destacam diferentes aspectos dos processos narrativos que definem a prática científica. Esses eixos são os que relacionamos a seguir, para os quais elencamos algumas das formas linguísticas presentes nos textos:

- **Velocidade-ritmo:** *urgentemente desacelerar, cada vez mais e mais rápido, cultura do imediatismo e do urgente, um compasso cada vez mais rápido, estão sempre com pressa, Fast Science-Slow Science, FastFood-SlowFood, corrida frenética.*
- **Direcionalidade:** *estagnação ou até mesmo retrocesso, conhecimento fundamental a ser passado adiante.*
- **Aspectualidade** (duração): *despendeu meses, às vezes até anos, mudanças apropriadas em um mundo em movimento constante, the (very) longrun, if a non-real-time/off-*

<sup>17</sup> Movimento surgido em Itália na década de 1980.

*line, conhecimento que, por definição, não se altera.*

- **Novidade:** *inovadora, desenvolvimento de novas competências.*
- **Espacialidade:** *Alemanha, França, Inglaterra, Estados Unidos, América Latina.*
- **Especialidade – campos de saber:** *lost dialogue between humanities and natural sciences, neurocientista, antropólogo, cientista da informação.*

Estas formas linguísticas se organizam em famílias parafrásticas a partir de duas posições-sujeito (nomeadas no corpus como *Slow Science* e *Fast Science* respectivamente) antagônicas, representadas no texto através de enunciados polêmicos. Observemos o recorte seguinte, que mostra a circulação, no discurso de divulgação científica destinado ao grande público, dos enunciados surgidos no âmbito mais restrito das práticas científicas:

#### **Eixo velocidade-ritmo**

‘Slow Science’ prega pesquisa científica *em ritmo desacelerado*. ‘Somos cientistas, não blogamos, não tuitamos, temos nosso tempo... *A ciência lenta sempre existiu ao longo de séculos*. Agora, precisa de proteção[...] Aderir ao movimento significa *não se render à produção desenfreada de artigos em revistas especializadas*, que conta muitos pontos nos sistemas de avaliação de produção científica (RIGHETTI, 2011).

Para Rogério Meneghini (especialista em cientometria - medição da produtividade científica), o ‘Slow Science’ é um movimento ‘anêmico’ num contexto em que *a rapidez do fluxo* de ideias e informações *acelera as descobertas*. ‘Parece uma reivindicação de um *velho movimento* com uma *roupagem nova*. É certamente a sensação de quem está *perdendo as pernas para correr*’, conclui (RIGHETTI, 2011).

### **Eixo direcionalidade**

In many ways *this new philosophy of science looks back* to a presumed belief in the kinds of scientific research, and scientific world, which was common in the middle and later nineteenth century... (WILLIS, 2013).

If slow science is *a return to the traditions* of Victorian scientific practices (and this needs a great deal more investigation) then *the humanities have a key role to play* (WILLIS, 2013)

Considerando esta proliferação de marcas temporais, perguntamo-nos sobre os processos discursivos que as organizam: que processos narrativos estas representações da temporalidade configuram e como eles produzem diversas imagens em relação às diversas áreas de saber?

Em primeiro lugar, observemos os efeitos nos enunciados de alguns elementos de saber já naturalizados na memória discursiva como pré-construídos e que sustentam os encadeamentos argumentativos das formulações, nas quais aparecem na forma de nominalizações:

- 1 - (Existe uma) *rapidez do fluxo de ideias e informações* (este enunciado se inscreve no discurso da globalização e do elogio às novas tecnologias de comunicação).
- 2 - (Esse modo atual de circulação da informação–*contexto*) *acelera as descobertas científicas* (por efeito de sustentação, a aceleração das práticas científicas é representada como consequência necessária do mundo interconectado atual).
- 3 - (Existe uma) *produção desenfreada de artigos em revistas especializadas* (novamente por efeito de sustentação, a partir deste elemento de pré-construído, projeta-se nas formulações uma relação de implicação: se as descobertas são mais rápidas, as publicações devem acompanhar o ritmo).
- 4 - (Conclusão:) o mundo atual (e consequentemente a ciência atual) é uma *corrida* na qual os fracos ficam para trás.

Voltaremos sobre estas articulações argumentativas quando tratarmos dos processos de subjetivação, porém já podemos apontar as narrativas que elas retomam de diversas discursividades presentes como memória discursiva: a evolucionista (seleção dos mais fortes) e a positivista (progresso indefinido da ciência), ressignificadas pela projeção imaginária da temporalidade do modo de produção capitalista (maior produção no menor tempo). Opondo-se a esta narratividade hegemônica (“há um progresso tecnológico que acelera a circulação da informação, o que provoca o avanço mais rápido das descobertas científicas, ocasionando um ritmo mais veloz de publicização do conhecimento produzido), encontramos uma outra operação narrativa que afirma que:

- 1 - *A ciência lenta sempre existiu ao longo de séculos.*
- 2 - (Essa ciência lenta é a que deve ser reproduzida,) *conhecimento fundamental a ser passado adiante – conhecimento que, por definição, não se altera.*
- 3 - (Ela está ameaçada,) *precisa de proteção.*
- 4 - (Essa ameaça é recente) *agora.*
- 5 - (Disponibilizar essa ciência lenta é necessário para o mundo atual) *shouldbemadeavailabletothecurrentgenerationofhigh-profile, activescientists.*

Apesar da oposição entre essas duas configurações narrativas, é importante destacar que ambas as posições em confronto compartilham um mesmo elemento de pré-construído, interpretado positivamente ou negativamente conforme a posição-sujeito na qual se inscreve o autor do texto:

### **Resistir é retornar**

- a - *this new philosophy of science looks back* to a presumed belief in the kinds of scientific research, and scientific world,

which was common in the middle and later nineteenth century.

b - Parece uma reivindicação de um *velho movimento* com uma *roupagem nova*.

Ainda mais relevante é perceber que esse elemento de saber comum às duas posições projeta imaginariamente uma distinção entre as diversas áreas de conhecimento. Analisemos o recorte seguinte, que reproduz formulações já citadas anteriormente:

And it is *particularly intriguing* to me that the slow science manifesto explicitly states the *importance of dialogue between the humanities and the natural sciences...* If slow science is a *return to the traditions* of Victorian scientific practices (and this needs a great deal more investigation), then *the humanities have a key role to play* (WILLIS, 2013)

*We do need time to misunderstand each other*, especially when fostering *lost dialogue between humanities and natural sciences*. (NIEDUSZYNSKI; BLOW; DONALDSON, 2010).

Observe-se como as formulações estão articuladas argumentativamente a partir de um enunciado não-dito que se inscreve no texto por *efeito de sustentação* (PÊCHEUX, 1975), permitindo a passagem da afirmação do *retorno às tradições das práticas vitorianas para a afirmação do papel importante das ciências humanas nesse retorno*. Trata-se, justamente, de um enunciado que afirma a relação de implicação entre tradição ou tempo passado e as humanidades: retroceder (no tempo e na ciência) é voltar às ciências humanas.

No entanto, para que esse retrocesso tenha um valor positivo e seja legítimo no quadro das imagens já naturalizadas de ciência, ele deve ser iniciado por sujeitos externos ao campo de saber das humanidades: neurocientistas e cientistas da informação assinam um

manifesto que será citado nos textos de divulgação científica como o Manifesto do movimento Slow Science (apagando-se, assim, toda menção ao abaixo-assinado do antropólogo francês que circulou alguns meses antes, no mesmo ano de 2010).

‘Somos *uma guerrilha de neurocientistas* que luta para que o modelo midiático de produção científica seja revisto’, disse à *Folha* o neurocientista Jonas Obleser, do Instituto Max Planck, um dos criadores do ‘Slow Science’ (RIGHETTI, 2011).

The outcome of logic reasoning on the description above would be that slow science is favored by the *pre-modern, romantic and soft humanists*. But the paradox (always to be taken into account) is the concept was actually invented within the *real sciences, medicine and information science*. The concept of slow has probably been first used by an information scientist Ernst A. Garfield (1990). The irony (to be reflected on) is that he is also the ‘father’ of bibliometrics and thereby of the impact factor (SALO; HEIKKINEN, 2011).

Nesse sentido, note-se o modo de apresentação do autor das afirmações citadas (*neurocientista do Instituto Max Planck*), textualizado a partir da função-autor jornalista. Assim, o discurso de divulgação científica mobiliza a imagem cristalizada e redutora das ciências naturais experimentais como o modelo legitimado de ciência e de cientista. É esse discurso já naturalizado que opõe “*humanistas brandos, românticos e pré-modernos*” às “*ciências reais*” que sustenta a qualificação como “paradoxo” para o fato de o movimento *Slow Science* ter surgido onde “não era esperado”, isto é, nas ciências modernas e competitivas.

Ainda em relação ao modo de circulação dos enunciados de e sobre o movimento *Slow Science* no discurso de divulgação científica, é produtivo analisar o modo como as formas de representação da temporalidade

se relacionam com o eixo semântico da *Espacialidade do conhecimento*. Reparemos no recorte seguinte:

Quem encabeça a ideia é a organização “Slow Science”, criada por *cientistas gabaritados da Alemanha* (RIGHETTI, 2011).

De acordo com Obleser (neurocientista), o número de cientistas simpatizantes do movimento está crescendo, “*especialmente na América Latina*” (RIGHETTI, 2011).

Se, por um lado, temos a representação de Alemanha como o espaço-origem para a produção de um gesto de interpretação novo e legítimo em relação às práticas científicas, por outro lado, aparece a América Latina como o principal espaço para a “importação” das novidades produzidas na Europa. Esta distribuição imaginária das práticas de produção e de reprodução do conhecimento em diversos espaços territoriais representa o modo como os sentidos de *civilização* e *cultura* impostos pelo discurso da colonização (ORLANDI, 1990; GUIMARÃES, 2004) ainda estão presentes nos discursos de divulgação científica contemporâneos.

Além de descrever essa espacialização imaginária do mapa das práticas científicas, cabe, a partir do último recorte, colocar um outro questionamento. Não estaria também presente, como efeito de pré-construído nas formulações, uma memória *temporalmente escandida* que representa imaginariamente a América Latina como *espaço territorial de um tempo sempre em atraso* em comparação com os tempos europeus? Ou como o espaço privilegiado para um “ritmo lento” de produção científica que não acompanha a “corrida frenética dos tempos atuais” e que, portanto, seria o principal beneficiário de um movimento de desaceleração das práticas de produção e circulação do conhecimento? Que sentidos essas representações da temporalidade da ciência *silenciam*, na atual configuração social e política das práticas científicas?

## Macdonaldização da universidade e subjetivação no cinismo

No início deste trabalho nos interrogávamos sobre os efeitos da polêmica estabelecida entre o discurso da produtividade científica (*Fast Science*) e o discurso do movimento *Slow Science* nos processos de subjetivação-identificação nos quais os sujeitos se constituem e são legitimados como cientistas<sup>18</sup> nas sociedades contemporâneas. Vamos observar um recorte que nos permite avançar nesta questão:

What would the *life and times* of a "slow scientist" be like? What changes are needed to bring about a "slower science?" And would there really be benefits for this slowness? [...] Slow science means *ignoring the rushing sound of papers flying off your colleagues desks* and thinking: a leap is better than the random walk of a thousand small steps (BACON, 2009).

The science community should do everything it can to change the public's perceptions and expectations about how science in general is done; and about *the time that may be required for science to "win the race"* (GARFIELD, 1990).

Neste recorte encontramos presente, como efeito de pré-construído, a metáfora da "corrida frenética" (que somente será ganha pelos melhores e mais fortes). Porém, estas formulações se confrontam de forma polêmica com essa imagem, o que podemos observar pelo uso das aspas para mencionar o trunfo na corrida ("wintherace") e a ironia também metafórica na menção à alta produtividade dos colegas ("therushing sound of papers flying off your colleagues desks"). Encontramos, ainda, vestígios do discurso da produtividade científica na relação de implicação por efeito de sustentação que se estabelece nos textos entre a associação da falta de qualificação do sujeito e sua participação ou apoio ao movimento *Slow Science*. É justamente a imagem de

<sup>18</sup> Para sermos mais precisos diríamos que nossa questão consiste em como os sujeitos ocupam o *lugar de enunciação* (ZOPPI FONTANA, 2002; 2003) de cientista e produzem sentido na contradição das posições-sujeito que atravessam esse lugar, determinadas por formações discursivas antagônicas.

“cientista preguiçoso” e “mediocre” que, por efeito de pré-construído, afeta o funcionamento das marcas de negação polêmica presentes nas formulações enunciadas da posição-sujeito identificada com o movimento.

*Slow science does not mean not working hard, it means working hard for the right reasons* (BACON, 2009).

Porém, mesmo negando *o discurso da produtividade científica*, estas formulações ainda são atravessadas pelos elementos de saber já estabilizados nessa formação discursiva, na qual a imagem ideal de ciência comporta as predicações de velocidade, inovação, progresso constante e projeção ao futuro. Que sujeito supõe esse modelo de ciência e como ele se opõe aos processos de subjetivação-identificação que constituem os cientistas no discurso do movimento *Slow Science*?

*Consumers are spoilt with quick deliveries and optimum availability. Though built historically on quite different aims, prerequisites and conditions of knowledge production (sic!) in Academia seem to have fully embraced the McDonald's service and delivery practices. Fast food and fast science - quick and dirty!* (SALO; HEIKKINEN, 2011)

According to statistics, scientific work is made more effective along with New Public Management. But what else is on this track? It seems that *it makes people cynical*, and they start to treat other people in an instrumental way. Neoliberalism seems to increase also alienation, anxiety and depression (SALO; HEIKKINEN, 2011).

Ciência em ritmo de *delivery*, significada pelos sentidos do modelo neoliberal que organiza os processos de produção do capitalismo tardio. As universidades sofrem os efeitos de processos de reestruturação impostos por gestos gerenciais que administram “estrategicamente”

os espaços de produção e divulgação de conhecimento para aumentar exponencialmente a quantidade de produtos oferecidos em tempo recorde aos consumidores ávidos por novidades. As universidades são assim administradas como empresas e a produção científica é gerida pela lógica do mercado editorial. É justamente a este modelo recente e hegemônico de gestão acadêmica que os autores do artigo citado (SALO; HIEKINNEN, 2011) denominam *mcdonaldização da universidade*, chamando *McUniversidades* àquelas instituições que abraçaram e implementaram esta tendência gerencial.

Como os autores apontam na sua aguda análise, o discurso da produtividade científica e as práticas que ele instaura e naturaliza parecem estar produzindo no campo da ciência processos de subjetivação *no cinismo*: “sujeitos cínicos, alienados, ansiosos e depressivos”<sup>19</sup>.

Gostaríamos de analisar esse funcionamento a partir das reflexões em torno dos processos de subjetivação contemporâneos desenvolvidas recentemente por Baldini (2012). O autor desenvolve uma instigante reflexão sobre “o cinismo enquanto forma de estruturação social e subjetiva na contemporaneidade na sua relação com o capitalismo pós-industrial”. No seu trabalho, Baldini diferencia o cinismo da Idade Clássica das formas cínicas contemporâneas:

É preciso separar o *Kynisme* grego daquilo que Sloterdijk chama de *razão cínica*. O *Kynisme* grego (semelhante à carnavalização bahktiniana) pode ser definido como prática discursiva alinhada à paródia e que procurava corroer a ‘ideologia oficial’ por meio do exercício de uma crítica de resistência aos sentidos cristalizados. Nesse sentido, o *Kynisme* tem o caráter de contestação de um poder que perdeu seu caráter de legitimação, ou seja, uma prática de linguagem típica de situações de anomia. [...] Já a *razão cínica*, conceito proposto por Sloterdijk, vai mais no sentido de uma impostura, como se passássemos, no nível ideológico, da célebre

<sup>19</sup> Prezado leitor, como você já percebeu, qualquer semelhança desta análise com pessoas e situações reais *não* é mera coincidência!

formulação de Marx ('eles não o sabem, mas o fazem') para um 'eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem'. Como diz Žižek (1989, p. 313), no cinismo, 'ele reconhece, leva em conta o interesse particular que está por trás da universalidade ideológica, a distância que há entre a máscara ideológica e a realidade, mas ainda encontra razões para conservar a máscara. Esse cinismo não é uma postura direta de imoralidade; mais parece a própria moral posta a serviço da imoralidade' (BALDINI, 2012, p. 107).

Assim, para Baldini, o funcionamento dos processos de subjetivação no cinismo é da ordem de uma impostura, não no sentido de uma simulação ou trapaça consciente por parte do sujeito, mas entendida como uma nova relação de identificação do sujeito com a formação discursiva na qual se constitui.

Neste sentido, o cinismo não é pós-ideológico, como pretendem alguns, mas a ideologia em estado destilado, 'mesmo que não levemos as coisas a sério, mesmo que mantenhamos uma distância irônica, continuamos a fazê-lo'. [...] Assim, além dos bons e maus sujeitos, e ainda dos que se desidentificam, teríamos a forma cínica de pertencimento de um sujeito à formação discursiva: certo modo de relação com o saber, em que o sujeito não se filia diretamente, nem se desfilia, mas permanece no horizonte de uma tomada de posição desengajada, ou de uma subjetivação assumida apenas para ser parodiada (BALDINI, 2012, p. 110-111).

Ancorados nessa compreensão dos processos de subjetivação contemporâneos, consideramos que, em relação ao fazer científico e ao discurso de produtividade científica que estamos analisando, o mal-estar institucional em relação a certas novas práticas de autoria científica sinalizam a emergência deste *sujeito cínico* no espaço da produção acadêmica. Neste sentido, para nossa análise, a recente aparição quase simultânea

de códigos de “boas práticas científicas”, publicados pelas principais agências de fomento do país (por exemplo, CNPq e FAPESP), constitui um sintoma dos funcionamentos subjetivos que estudamos.

Com efeito, a autoria é uma das principais práticas alvo de regulação por esses manuais que advogam por uma ética do fazer científico. Observemos o recorte que segue:

5-Quando se submete um manuscrito para publicação contendo informações, conclusões ou dados que já foram disseminados de forma significativa (p.ex. apresentado em conferência, divulgado na internet), o autor deve indicar claramente aos editores e leitores a existência da divulgação prévia da informação.

6- Se os resultados de um estudo único complexo podem ser apresentados como um todo coesivo, não é considerado ético que eles sejam fragmentados em manuscritos individuais.

7- Para evitar qualquer caracterização de autoplágio, o uso de textos e trabalhos anteriores do próprio autor deve ser assinalado, com as devidas referências e citações (BRASIL-CNPq, 2011).

2.2.4. Todo pesquisador que submeta a um veículo de publicação trabalho científico idêntico, ou substancialmente semelhante, a trabalho também submetido a outro veículo, ou já publicado em outro veículo, deve declarar expressamente o fato ao editor do veículo no momento da submissão.

2.2.5. Todo pesquisador que publicar trabalho científico idêntico, ou substancialmente semelhante, a trabalho já publicado deve mencionar expressa e destacadamente o fato no texto do trabalho (FAPESP, 2012).

Esta alusão direta à prática de autoplágio e sua respectiva regulação ética por meio de normas de boa conduta e diretrizes de integridade na pesquisa são para nós um indício dos efeitos do discurso da produtividade científica nos processos de subjetivação, tal como

apontados anteriormente. O sujeito, acuado no modo de produção e divulgação científica da *Fast Science*, sem espaço nem tempo legitimados institucionalmente para um fazer científico diferenciado, como aquele defendido pelo movimento *Slow Science*, fragmenta e reproduz sua escrita num processo de identificação desengajado com os postulados do modelo *mcdonaldizado* de excelência acadêmica. Como diz Baldini, trata-se de “[...] uma tomada de posição desengajada, ou de uma subjetivação assumida apenas para ser parodiada” (BALDINI, 2012, p.111). Um processo de subjetivação no cinismo, no qual o sujeito alienado encontra um gesto possível de resistência para não sucumbir.

Entenda-se bem o que aqui afirmamos. Não se trata de fazer a apologia a uma ética da malandragem nem de negar a necessidade de uma regulação ética da pesquisa científica. Trata-se de desnaturalizar o discurso da produtividade científica para que possamos analisar os atuais processos de produção e divulgação científica em toda sua complexidade, sem cairmos subjugados sob o canto de sereia das práticas de gestão empresarial da universidade e das publicações científicas. Trata-se de criar um espaço crítico que permita refletir sobre o funcionamento da ciência na contemporaneidade, na sua relação com a sociedade e o mercado, para conseguir quebrar as evidências que estancam o debate numa abordagem banalizada que penaliza os indivíduos, significando-os como causas e não efeitos dos processos históricos em curso. Porque se ficarmos no argumento fácil e depreciativo que identifica o discurso do movimento *Slow Science* à reivindicação de “velhos cientistas que perderam as pernas para correr”, negamos toda possibilidade de reflexão teórica e política sobre o modo do fazer científico atual. No que nos diz a respeito, consideramos necessária e urgente uma discussão teoricamente fundamentada sobre os tempos da ciência, sob o risco, se não o fizermos, de encontrar muito em breve

nossa foto pendurada na entrada de nossos laboratórios,  
emoldurada pelo sorriso do palhaço feliz. Finalmente,  
*cientista do mês*.

## Referências

- ACHARD, P. [1984]. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et al. *Papel da Memória*. Trad: José Horta Nunes. Campinas (SP): Pontes, 1999.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas (SP): Ed. Unicamp, 1992.
- \_\_\_\_\_. [1983] Constitution do fait en Histoire et en Linguistique. In: ACHARD, P. et al. (org) *Histoire et Linguistique*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1984.
- AUTHIER-RÈVUZ, J. Dialogismo e divulgação científica. *Rua*, 5, p.9-16. Campinas (SP): Nudecri-Unicamp, 1999.
- \_\_\_\_\_. O discurso da vulgarização científica. In: AUHTIER-RÈVUZ, J. *Palavras incertas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- BACON, Davi. SlowScience. *The Quantum Pontiff*, 23-6-2009. Disponível em <<http://scienceblogs.com/pontiff/2009/06/23/slow-science/>> Acesso em 27 fev.2013.
- BALDINI, L.J. Discurso e cinismo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V. (orgs.). *Discurso e...*. Rio de Janeiro: 7Letras-Faperj, 2012, p. 103-112.
- BENVENISTE, E. [1966]. As relações de tempo no verbo francês. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas (SP): Pontes, 1995, p.260-276.
- \_\_\_\_\_. [1974]. A linguagem e a experiência humana. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas (SP): Pontes, 1989, p.68-80.
- BRASIL. CNPq. Diretrizes básicas para a integridade na pesquisa científica. In: *Relatório Final da CIC*, out.2011. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/diretrizes>> Acesso 28 fev. 2013.

COURTINE, J.J. Le tissu de la mémoire : quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. *Langages*, n.114. p. 5-12. Paris: Larousse, jun.1994.

COURTINE, J.J. *Metamorfoses do discurso político*. Derivas da fala pública.Tr. Carlos Piovezani F. e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. Chroniques de l'oubliordinaire. *Sediments*, 1.Montreal, 1986.

\_\_\_\_\_. Définitions d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. *Philosophiques*, v.9, n.2, p. 239-64, 1982.

FAPESP. *Código de Boas Práticas Científicas*. Disponível em <[http://www.fapesp.br/boaspraticas/FAPESP-odigo\\_de\\_Boas\\_Praticas\\_Cientificas\\_jun2012.pdf](http://www.fapesp.br/boaspraticas/FAPESP-odigo_de_Boas_Praticas_Cientificas_jun2012.pdf)>. Acesso em 28 fev.2013.

FOSSEY, M.F. Tom e corporalidade na divulgação científica. In: MOTTA, A. R.;SALGADO, L.*Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008,p.195-212.

\_\_\_\_\_. *Asemântica global em duas revistas de divulgação científica*: Pesquisa Fapesp e Superinteressante. Campinas (SP), 2006, 124 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP.

FUCHS; PÊCHEUX, [1975] A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, F; HAK, T. (orgs) *Por uma análise automática do discurso*. 3ªed. Campinas (SP), Ed. da Unicamp, 1997. P.163-252.

GALLO, S.Contradições na divulgação de conhecimento científico e cultural. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 665-688, set./dez. 2011.

GALLO, S.;S. LAGAZZI. Socialização do conhecimento: uma perspectiva discursiva. Proposta do GT 16 no CELSUL, Unioeste, out. 2012. Disponível em <<http://celsul.org.br/2012/wp-content/uploads/2012/04/GT-16-SOCIALIZACAO-DO-CONHECIMENTO-UMA-PERSPECTIVA-DISCURSIVA.pdf>>. Acesso em 25 dez 2012.

GARFIELD, E. Fast Science Vs. Slow Science, Or Slow And Steady Wins The Race. *The Scientist*, vol.4, n. 18, p. 14, 1990.

GRIGOLETTO, E. *O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar*. Porto Alegre, 2005. 270 p. Tese (Doutorado em Letras). Curso de Pós-graduação em Letras, área Teorias do Texto e do Discurso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5322/000468633.pdf?sequence=1>> Acesso em 28 fev.2013.

GUIMARÃES, E. Linguagem e Conhecimento: produção e circulação da Ciência. *Revista RUA*, v.2, n.15. Campinas(SP);Nudecri/UNICAMP, nov. 2009. Disponível em <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=75>> Acesso em 25 fev 2013

\_\_\_\_\_. Civilização na Linguística Brasileira no Século XX. *Matraga*, 16.p. 89-104. Rio de Janeiro, UERJ, 2004.

\_\_\_\_\_. *Produção e Circulação de Conhecimento. Política, Ciência, Divulgação*. v.2. Campinas (SP): Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. O acontecimento para a grande mídia e a divulgação científica. In: GUIMARÃES, E. (org.). *Produção e Circulação de Conhecimento*. Estado, Mídia, Sociedade. v.1. Campinas(SP): Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. (org.) *Produção e Circulação de Conhecimento*. Estado, Mídia, Sociedade.v.1. Campinas (SP): Pontes, 2001.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa*. Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989. Rio de Janeiro:Revân/Campinas(SP): Editora da Unicamp, 1998.

NIEDUSZYNSKI, A; BLOW, J. Julian; DONALDSON, Anne D. *Manifesto* (ou outro título que tenha a matéria). Disponível em <<http://www.mendeley.com/catalog/slow-science-manifesto/>> Acesso em 24 fev 2013.

NUNES, J. H. Discurso de divulgação: a descoberta entre a ciência e a não ciência. In: GUIMARÃES, E. (org.). *Produção e circulação do conhecimento*. Estado, mídia, sociedade. Campinas(SP): Pontes, 2001, p. 31-40.

ORLANDI, E. Linguagem, Ciência, Sociedade: o Jornalismo Científico. In: ORLANDI, E. *Cidade dos sentidos*. Campinas(SP): Pontes, 2004, p. 129-147.

\_\_\_\_\_. Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana. In: ORLANDI, E. *Discurso e texto*. Campinas (SP): Pontes, 2001, p.149-162.

\_\_\_\_\_. *Análise do Discurso*: princípios e procedimentos. Campinas(SP): Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Interpretação*: autoria, leitura, efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Terra à Vista!* São Paulo: Cortez, 1990.

PAYER, M. O. *Memória da língua*. Imigração e nacionalidade. São Paulo: Escuta, 2006.

PÊCHEUX, M. [1975] *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas(SP) : Editora da Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. [1983]. Lecture et mémoire: project de recherche. In: MALDIDIER, D. *L'inquietude du discours*. Paris: Ed. des Cendres, 1990.

RIGHETTI, S. 2011. Slow Science prega pesquisa científica em ritmo desacelerado. *Folha.com*, cad. Ciência, 8ago 2011. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/956065-slow-science-prega-pesquisa-cientifica-em-ritmo-desacelerado.shtml>> Acesso em 28 fev. 2013.

SALO, P.; HEIKKINEN, H. L. T. , 2011. Slow Science, an alternative to mcdonaldization of the academic lifestyle. Disponível em <[http://threeerottenpotatoes.files.wordpress.com/2012/02/salo2011\\_slow-science-alternative-to-macdonaldization.pdf](http://threeerottenpotatoes.files.wordpress.com/2012/02/salo2011_slow-science-alternative-to-macdonaldization.pdf)> Acesso em 27 fev. 2013.

VOGT, C.; C. POLINO (orgs.). *Percepção pública da ciência- resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai*. Campinas (SP): Editora da Unicamp/São Paulo:Fapesp, 2003.

WILLIS, M., 2013. Slow Science. A short commentary and opinion piece. In: *Academia.edu* Disponível em <[http://www.academia.edu/2352732/Slow\\_Science](http://www.academia.edu/2352732/Slow_Science)> Acesso em 13 jan. 2013

ZAMBONI, L. *Heterogeneidade e subjetividade no discurso de divulgação científica*. Campinas (SP), 1997, 197 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP.

ZOPPI FONTANA, M.G. Acontecimento, Temporalidade, Enunciação. Definições terminológicas e o fato novo na ciência. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 51, n.1, p. 69-94. Campinas(SP): IEL/UNICAMP, 2009.

\_\_\_\_\_. Identidades (in)formais. Contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. *Organon*. Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 245-282, 2003. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30027>> Acesso em 28 fev. 2013

\_\_\_\_\_. Lugares de enunciação e discurso. *Leitura. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras – UFAL*, Maceió, v. 23, p.15-24, 2002.

\_\_\_\_\_. *Cidadãos Modernos*. Discurso e Representação Política. Campinas(SP): Editora da Unicamp, 1997.

[Recebido em 30 de maio de 2012  
e aceito para publicação em 16 de setembro de 2012]